



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

PROTAGONISMO FEMININO E PRÁTICAS DE DANÇA AFRO-BRASILEIRA NA PESQUISA MUKUIU

Carmem Pricila Virgolino Teixeira

Introdução

A proposta de comunicação que segue pretende compartilhar relatos de experiência de oficinas de dança afro-brasileira e teatro, como um dos desdobramentos da pesquisa de doutorado que venho realizando no Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA. As experiências que serão relatadas tratam dos momentos de oficinas, que foram realizados entre os anos de 2018 e 2019, na Casa das Artes, no Instituto Nangetu e em outros espaços da cidade, nos quais experienciamos com artistas e pesquisadores da cidade o encontro de algumas técnicas corporais como a capoeira angola, a dança afro-brasileira de palco, a inspiração em danças sagradas de religião de matriz africana e jogos teatrais.

Tendo a noção de território como um conceito central e entendendo os terreiros onde se produz cultura popular na cidade, assim como os corpos praticantes dessas culturas, como territórios de reinvenção e de bemviver em meio ao caos de uma cidade extremamente violenta procuramos, além das práticas corporais, suscitar discussões sobre identidade, gênero e raça como categorias que atravessam a pesquisa.

Uma das hipóteses da pesquisa é que o saber mantido e produzido nos terreiros pelo Brasil afeta a produção artística contemporânea e neste caso específico a cena artística de Belém. Portanto, uma das intenções das oficinas era poder ampliar o debate sobre o entendimento dos terreiros como sistemas de conhecimento, que desestabilizam a epistemologia vigente, para usar os termos de Djamila Ribeiro, de um saber eurocentrico dominante.

Metodologia

Buscando descentralizar a fala de artista pesquisadora enfatizo a máxima importância dos camaradas da *Associação Cultural Eu Sou Angoleiro* e do *Mansu Nangetu*, assim como dos artistas que participaram do espetáculo *Mukuiu*. Todos esses atores sociais vem sendo a agulha que puxa a linha neste tecido de produções, embebido na perspectiva de ecologia dos saberes, nos termos de Boaventura de Souza Santos, na tentativa de chegar a um tipo de conhecimento produzido em rede.

Mergulhamos nos terreiros e em diálogo com seus sacerdotes/mestres, como espaços vivos de produção de conhecimento, espaços sagrados, poéticos, políticos, multidimensionais, quando dança, canto e batuque nos fazem espiralar no tempo, o tempo/espaço, corpo/templo ancestral. Caminhamos norteados pela metodologia da Antropologia da Dança: dançamos e pesquisamos com o próprio corpo, o corpo que



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

se põe à pesquisa nas misturas de sentidos, sabores, timbres, cores, para refletir sobre a maneira comunitária como o conhecimento se constrói em performances de motriz africana.

Sentir, experienciar e refletir sobre o que é conhecimento e como a transmissão de conhecimento se elabora, eis outro ponto crucial desta pesquisa. Até aqui observamos que se trata de um conhecimento produzido no corpo, que considera camadas de sensações, sentimentos e outras categorias como energia, oralidade e comunitarismo, questionando assim um saber engessado num racionalismo cartesiano, que dicotomiza corpo e pensamento.





Oficina de dança afro-brasileira realizada no Instituto Nangetu, em maio de 2018

Resultados e Discussão

Certamente o que relato, sobre a busca de um referencial de conhecimento negro como inspiração para o fazer artístico, não se trata de algo novo. Foram os integrantes do Teatro Experimental Negro, dentre os quais destaco os nomes de Abdias do Nascimento e Mercedes Batista, já na década de 1940, no Rio de Janeiro, que teriam sido os pioneiros na busca pela inspiração, técnica, conhecimento, que não ficou registrado nos livros didáticos das escolas, mas que foi transmitido durante séculos numa tradição pautada em oralidade, corporeidade e relação discipular: os terreiros de religiões de matriz africana.

Embasando-se numa preparação corporal com treinos de bases de capoeira Angola e de corporeidades sagradas do Candomblé Angola, esta pesquisa quer sentir/pensar como este conhecimento dos terreiros, dialoga com um outro, que é o conhecimento elaborado nas encenações. Que tipo de conhecimento geramos nas produções cênicas e como chegamos a ele?

Outra categoria ainda se tornou muito importante e se descortinou em campo: a discussão de gênero. Começamos a pesquisa buscando uma corporeidade guerreira, com o intuito de gerar reflexões sobre racismo, mas no decorrer do trabalho inúmeras reflexões sobre a categoria de gênero começaram a saltar aos olhos, desde a percepção de meu papel enquanto mulher produtora de conhecimento, praticante de dança afro, mas, sobretudo, no poder inspirador da figura matrística de Mametu Nangetu e sobre a importância das mulheres nas tradições bantu.

Conclusão

Os terreiros de Candomblé são complexos sistemas de conhecimento de matriz negra espalhados pelo Brasil e entender estes territórios como espaços de bem viver é fundamental na luta antirracista e na construção de uma educação menos eurocêntrica.

A importância desses complexos de saber desdobram-se em várias áreas de conhecimentos que vão desde a saúde, passando pela ecologia e tangenciando a produção artística.

É inegável a importância dos terreiros como espaços de produção de conhecimento e de experiências estéticas que formam sujeitos com visões de mundo alternativas ao modelo vigente no sistema atual, dentre as quais enfatizo a importância das mulheres nas tradições bantu.

Palavras-chave

Dança Afro-brasileira, Candomblé Angola, Decolonialidade do Saber.

Bibliografia



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

QUIJANO, A. **“Bien Vivir”: entre el desarrollo” y l ades/colonialidad del poder.** In: Viento Sur, numero 122, 2012.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** In: **Feminismos Plurais.** Belo Horizonte(MG): Letramento: Justificando, 2017.